

**DESCONCENTRAÇÃO TERRITORIAL E REESTRUTURAÇÃO REGRESSIVA DA INDÚSTRIA NO BRASIL:
PADRÕES E RITMOS**

Aristides Monteiro Neto

Técnico de planejamento e pesquisa do Ipea. Doutor em economia aplicada pelo Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (IE/Unicamp). Coordenador de estudos regionais da Diretoria de Estudos e Políticas Regionais, Urbanas e Ambientais (Dirur), do Ipea

Raphael de Oliveira Silva

Pesquisador Associado da Dirur/Ipea. Mestre em Economia Aplicada pela Universidade Federal de São Carlos. Campus Sorocaba. São Paulo.

A estrutura industrial brasileira experimenta, pelo menos desde os anos 1980, processo de ajustamento e reestruturação com baixo dinamismo. As evidências dessa trajetória são cada vez mais presentes e consensuais no debate entre os estudiosos do tema. Constituindo-se em motor do desenvolvimento econômico nacional no século XX, a indústria imprimiu o padrão e o ritmo atualmente conhecidos de articulação e crescimento das economias regionais. No momento atual, em que a indústria perde protagonismo na indução do crescimento econômico, o que passa a ocorrer nas diversas economias regionais do país? De que maneira essas economias respondem a essa mudança e como se reorganizam setorialmente?

Este estudo, motivado pelas indagações anteriores, tem como objetivo investigar mudanças estruturais no desenvolvimento regional brasileiro nas últimas duas décadas (1995-2015). É dada ênfase à avaliação da existência de concentração/desconcentração territorial da atividade industrial e do perfil do fator produtivo mais intensamente utilizado nos ramos industriais.

O esforço de análise aqui prefigurado tem como preocupação a problematização das visões consolidadas no debate acadêmico sobre a ocorrência de concentração/desconcentração produtiva no território nacional, suas formas e suas trajetórias. Nesse sentido, resgata e atualiza análises sobre esse tema realizadas no Brasil por Cano (1998; 2012), Diniz (1995; 1996), Pacheco (1998), Saboia (2001; 2013) e Sampaio (2017) e procura avançar na compreensão dos resultados obtidos nas últimas décadas (1995-2015), em face de intensos e marcantes esforços de reestruturação produtiva dos anos 1990, bem como da retomada de políticas industriais e regionais realizada pelo governo federal a partir de 2007.

O estudo ainda avalia o movimento recente de reorganização territorial da indústria a partir da economia da região Sudeste, em particular do estado de São Paulo, em direção ao restante do país. Procura observar se a distribuição da atividade industrial apresenta características de mudança estrutural, simultaneamente, ora pela expansão *quantitativa* (adição de novos ramos industriais à estrutura precedente) à composição setorial industrial, ora pela expansão *qualitativa* (acréscimo de produtividade nos ramos existentes e incorporação de ramos de produtividade econômica superior).

Em tom conclusivo, constata-se que a indústria brasileira, nos anos recentes, continua reproduzindo a heterogeneidade estrutural que lhe tem sido característica, com o agravante que, no momento atual, teve enfraquecida sua capacidade de crescer e expandir-se. Tiveram evolução destacada na geração de valor da transformação industrial (VTI) e de produtividade média as atividades do grupo de indústrias intensivas em recursos naturais. O crescimento dessas atividades, por sua vez, gerou pouca conexão com o restante da indústria, uma vez que o VTI e o produto médio (VTI/ pessoas ocupadas – POC) nas demais atividades da indústria de transformação pouco se alteraram.

A tendência à diversificação industrial – uma trajetória desejada para os países que buscam superar a etapa de renda média –, seja pelo aumento no número de ramos de atividade, seja pela complexificação das atividades, ficou obstaculizada pela resposta brasileira à força exercida pela demanda externa por *commodities* – que foi favorecedora das atividades intensivas em recursos naturais – e pela fraqueza dos elementos internos – inclusive da política produtiva – em incentivar novas opções setoriais. Nesse sentido, a mudança estrutural capitaneada pelo impulso das

atividades especializadas em recursos naturais não tem se constituído em elemento de diversificação do parque industrial brasileiro, nem setorial nem regionalmente.

REFERÊNCIAS

CANO, W. **Desequilíbrio regional e concentração industrial no Brasil: 1930-1995**. Campinas: Unicamp, 1998.

_____. A desindustrialização no Brasil. **Revista Economia e Sociedade**, Campinas, v. 21, Número especial, p. 831-851, 2012.

DINIZ, C. C. **A dinâmica regional recente da economia brasileira e suas perspectivas**. Brasília: Ipea, 1995. (Texto para Discussão, n. 375).

DINIZ, C. C.; CROCCO, M. A. Reestruturação econômica e impacto regional: o novo mapa da indústria brasileira. **Nova Economia**, v. 6, n. 1, p. 77-103, jul. 1996.

PACHECO, C. A. **Fragmentação da nação**. Campinas: Unicamp, 1998.

SABOIA, J. Descentralização industrial no Brasil na década de noventa: um processo dinâmico e diferenciado regionalmente. **Nova Economia**, v. 11, n. 2, p. 85-122, dez. 2001.

_____. A continuidade do processo de desconcentração regional da indústria brasileira nos anos 2000. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 219-278, maio/ago. 2013.

SAMPAIO, D. P. Desindustrialização e desenvolvimento regional no Brasil (1985-2015). *In*: MONTEIRO NETO, A.; CASTRO, C. N.; BRANDÃO, C. A. (Orgs.). **Desenvolvimento regional no Brasil: políticas, estratégias e perspectivas**. Brasília: Ipea, 2017.

SUMÁRIO EXECUTIVO